

**UM ESTUDO NO CAMPO LÉXICO DA FAUNA  
NAS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL:  
O CASO DO PERNILONGO**

*Talita Ferreira Matos Barbosa* (UFMS)

[talita.letras16@gmail.com](mailto:talita.letras16@gmail.com)

*Aparecida Negri Isquerdo* (UFMS)

[aparecida.isquerdo@gmail.com](mailto:aparecida.isquerdo@gmail.com)

**RESUMO**

A língua é um sistema complexo, dinâmico e um produto social da faculdade de linguagem que os indivíduos utilizam para exprimir suas crenças, ideologias e experiências. Como meio de expressão, a língua veicula as diferentes manifestações culturais, além de deixar transparecer o nível social em que o falante está inserido, bem como aspectos históricos do lugar em que habita, oferecendo, em qualquer época, pistas para uma leitura da sociedade. Este artigo apresenta resultados de estudos sobre o léxico na área semântica da fauna, a partir dos dados do Projeto ALiB (*Atlas Linguístico do Brasil*) e para tanto foram selecionadas variantes lexicais obtidas como respostas para a pergunta 88 – “aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite” do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, recolhidas nas 44 localidades da rede de pontos do ALiB da Região Sul e nas 24 localidades da Região Norte do Brasil. Foram consultadas as entrevistas realizadas com 308 informantes. O trabalho analisa em que proporção denominações atribuídas a esse inseto da fauna brasileira refletem características étnicas, ambientais, como também crenças e atitudes dos falantes frente a fatos lexicais da sua própria língua. Analisa possíveis resquícios de línguas previamente faladas nessas regiões brasileiras presentes nas designações documentadas. Fundamentam o estudo princípios teóricos da dialetologia, da sociolinguística e da lexicologia.

**Palavras-chave:** Projeto ALiB. Léxico. Fauna.

**1. Introdução**

A língua portuguesa transplantada pelo colonizador para o território brasileiro sofreu inúmeras alterações ao longo história do Brasil em decorrência do contato com as línguas faladas pelos habitantes nativos, o que resultou na formação de uma norma linguística com diferentes matizes, que são resultantes da história de povoamento e da formação étnica da população.

A situação geográfica do Brasil, o contato com o índio e com o negro africano, num meio de condições favoráveis ao intercâmbio de valores sociais; invasões holandesas; francesas; e até inglesas; um pouco de colonização espanhola; a imigração de povos dos mais diferentes, falando os mais diferentes idiomas, das mais diferentes famílias; o progresso moderno, a industrializa-

ção, as intercomunicações rápidas pelo avião e pelo rádio, o cinema falado, condições climatológicas, sociais e até biológicas e, por fim, a criação da literatura nacional. (AMARAL, 1982, p. 13)

A necessidade de mútuo entendimento que a vida social impôs aos novos habitantes da terra de Santa Cruz provocou a interpenetração de novas unidades lexicais, tanto nas línguas autóctones, quanto na língua portuguesa transplantada, pois o contato interétnico acrescido às características territoriais motivou a necessidade de caracterização e de nomeação de aspectos do novo habitat, com itens lexicais das línguas dos povos nativos que foram incorporados ao léxico da língua portuguesa. O léxico se fundia e se mesclava “[...] Eram línguas partidas, não só porque eram muitas línguas, senão porque eram línguas, e meias línguas: meias línguas, porque eram meio portuguesas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam mastigavam a seu modo”. (VIEIRA, 1655 *apud* SILVA NETO, 1986, p. 600)

Esse conjunto de elementos diversificados configura o léxico do português do Brasil, nível da língua que representa

[...] a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. (OLIVEIRA & ISQUERDO, 2001, p. 09)

Esse nível linguístico fornece elementos que nos permitem perceber como o homem interpreta os diversos aspectos da vida em sociedade, à medida que abarca todo acervo vocabular existente em uma língua que, por sua vez, reflete aspectos da cultura, da ideologia, de crenças de uma comunidade de falantes. Enfim, o léxico funciona como um mecanismo de identidade de grupo.

O léxico regional, por exemplo, pode refletir aspectos singulares dentro de um contexto nacional, bem como aspectos histórico-linguísticos de uma sociedade, apontando caminhos acerca da trajetória sociocultural de um grupo social. Para Serafim da Silva Neto (1986, p. 48), “não há, na realidade, história de palavras, senão história dos homens”.

O estudo das variedades da língua em uso num determinado espaço geográfico é objeto de investigação da dialetologia, disciplina linguística que tem como objetivo “identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. (CARDOSO, 2010, p. 15)

Considerada a ciência da variação espacial (COSERIU, 1982) a Dialetoлогия teve início no Brasil em 1826 com as contribuições de Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ao *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi (CARDOSO, 2010, p. 11). Quase um século depois (1920), Amadeu do Amaral publica seu *Dialeto Caipira* que divulga resultados de estudos acerca da língua popular falada em São Paulo. Para Amaral (1982, p. 43)<sup>235</sup>,

[...] fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões.

O autor pontua ainda na sua obra diferenças dialetais entre as diversas áreas geográficas do Brasil, “o falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou do Sul” (AMARAL, 1982, p. 43). Dois anos depois, Antenor Nascentes (1922) publicou o livro *Linguajar Carioca* que também apresentava preocupações quanto à delimitação de uma língua nacional. Na edição de 1953 dessa obra, Antenor Nascentes propôs uma divisão para o Brasil que buscou traçar áreas dialetais para o português brasileiro: “Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (NASCENTES, 1953, p. 24). A imagem da Fig. 1 contém a divisão dialetal proposta pelo estudioso brasileiro.

Este trabalho tem por objetivo analisar um recorte da norma regional dos falantes das regiões Norte e Sul do Brasil e, para isso, examina dados geolinguísticos que integram o Banco de Dados do Projeto ALiB – *Atlas Linguístico do Brasil*. Foram selecionados inquéritos realizados com 308 informantes de nove capitais, seis da região Norte e três da região Sul e de 51 localidades do interior das regiões Norte (17) e Sul (34) do Brasil, selecionados segundo duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), de dois níveis de escolaridade nas capitais (ensino fundamental incompleto e curso superior) e ensino fundamental (localidades do interior), nascidos e criados na localidade pesquisada, tendo os pais provenientes da mesma região linguística.

---

<sup>235</sup> Para este trabalho foi consultada a 4ª edição da obra, publicada em 1982, pela Editora Hucitec,



**Fig. 1: Divisão dialetal do português do Brasil (NASCENTES, 1953, p. 25)**

O *corpus* analisado neste texto é composto por dados lexicais que foram documentados como resposta para a pergunta 88 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (QSL/ALiB), que documenta denominações para o “inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite”.<sup>236</sup> Realizado o levantamento das respostas obtidas para a pergunta em questão, foram consultados dois dicionários, um de língua portuguesa – Antônio Houaiss (2004) – e outro da língua guarani – Luís Caldas Tibiriçá (1984), para verificar a dicionarização das variantes catalogadas que, por sua vez, foram analisadas segundo fundamentos da lexicologia, da dialetologia e da geolinguística.

## **2. Apresentação e discussão dos resultados**

A análise dos dados foi organizada da seguinte forma: 1) apresentação dos dados lexicais analisados; 2) organização dos dados em tabelas; 3) verificação da dicionarização dos itens lexicais analisados; 4) co-tejo entre os dados documentados pelo Projeto ALiB nas regiões Norte e

---

<sup>236</sup> Este trabalho recupera parte dos resultados obtidos por meio de estudo realizado como Bolsista de Iniciação Científica/CNPq/UFMS, Plano de Trabalho “Descrevendo a norma lexical da região Norte e Sul do Brasil” (2014-2015), sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

Sul do Brasil.

O levantamento das respostas fornecidas pelos entrevistados para a pergunta 88 do QSL/ALiB a partir da audição dos áudios das entrevistas realizadas nas seis capitais e dezessete localidades do interior dos Estados da região Norte do Brasil apurou seis variantes lexicais (171 ocorrências) – *carapanã*, *muriçoca*, *pernilongo*, *mosquito*, *matuqui* e *muíim*. A Tabela 1 informa o índice de ocorrência dessas variantes em números relativos e percentuais.

Item lexical	Nº de Ocorrências	Produtividade
Carapanã	102	60%
Muriçoca	38	22,23%
Pernilongo	21	12%
Mosquito	8	4,68%
Catuqui	1	0,5%
Muúim	1	0,5%
<b>TOTAL</b>	<b>171</b>	<b>100%</b>

**Tabela 1: Produtividade das denominações para “o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” na Região Norte do Brasil.**

**Fonte: Banco de Dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras.**

Pode-se observar que a unidade lexical *carapanã* é a mais produtiva para nomear o referente em questão, com 102 registros. A segunda resposta mais recorrente foi *muriçoca* que teve 38 ocorrências, seguida da variante *pernilongo* com 21 registros.

O Gráfico 1 apresenta a distribuição diatópica das variantes registradas nas capitais dos seis<sup>237</sup> estados da região Norte do Brasil que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB: *Acre*, *Amazonas*, *Amapá*, *Pará*, *Roraima*, *Rondônia*.

A distribuição diatópica das variantes documentadas e respectivas frequências de uso na Região Norte apresentadas pelo Gráfico 1 confirmam o uso generalizado da variante *carapanã* que se consolida como particularidade regional do falar amazônico (NASCENTES, 1953). Observa-se que a unidade lexical *carapanã* alcançou 80% de frequência no falar dos entrevistados de quatro capitais: *Macapá*, *Boa Vista*, *Manaus* e *Belém*. Em *Belém* apenas a variante *carapanã* foi documentada.

---

<sup>237</sup> A capital do Estado de Tocantins não foi incluída na rede de pontos do Projeto ALiB, em virtude da sua recente criação (1989).

O item lexical *pernilongo* foi registrado em quatro capitais do Norte. Em *Boa Vista* e em *Macapá* alcançou aproximadamente 20% de registros, enquanto em *Rio Branco* e em *Porto Velho* obteve maior produtividade, na primeira, 30% e na segunda, 60% de ocorrência. O processo de povoamento dessas duas capitais justifica a penetração da unidade léxica *pernilongo* nessas capitais da Região Norte, em especial em *Porto Velho*.

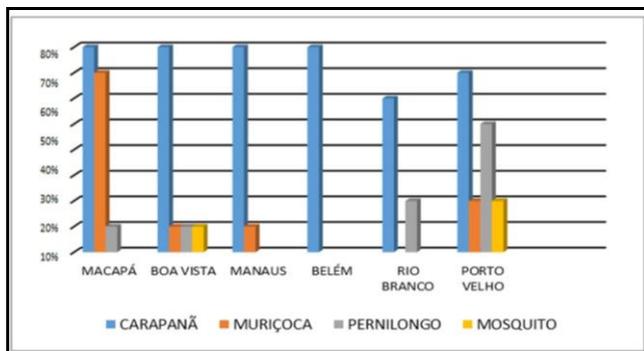


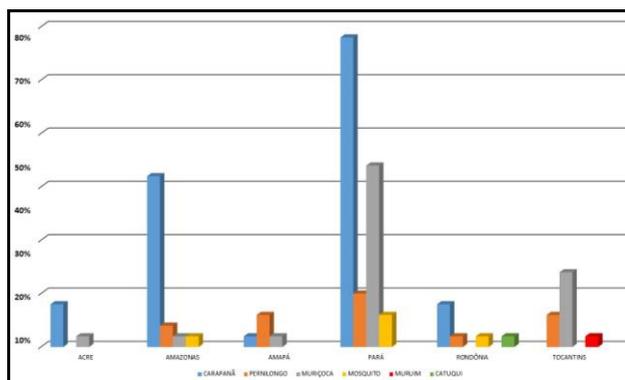
Gráfico 1: Denominações para “o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” nas capitais dos Estados da Região Norte do Brasil.  
Fonte: Banco de Dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras.

A variante *muriçoca* foi documentada em quatro capitais: *Macapá*, *Boa Vista*, *Manaus* e *Porto Velho*. Em *Belém* e em *Rio Branco* não houve registro de *muriçoca*. Trata-se de um item lexical muito produtivo no falar nordestino (NASCENTES, 1953), o que justifica o uso expressivo dessa variante, principalmente, por falantes de *Macapá* (70%), pois o Amapá recebeu diversas correntes migratórias nordestinas no final do século XIX e no século XX em decorrência da seca que assolou o sertão nordestino e pelo incentivo do Governo Vargas que, em 1943, recrutou trabalhadores nordestinos para trabalharem nos seringais amazônicos. (MARTINELLO, 1985)

Em continuidade o Gráfico 2 apresenta a distribuição diatópica das variantes lexicais registradas nas dezessete localidades do interior dos estados da Região Norte do Brasil que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB, agrupadas por unidade da Federação.

O Gráfico 2 demonstrou que o uso da variante *carapanã* permanece no falar dos entrevistados nas localidades do interior assim como ocorreu com os das capitais, com maior destaque no *Pará* (76%) e no *Amazonas* (52%), seguidos do *Acre* e de *Rondônia*, com 17% de ocor-

rência em ambos os estados, e do *Amapá* que evidenciou pouca expressividade no uso dessa variante (10%). *Tocantins* foi o Estado onde *carapanã* não foi registrado. Já o item lexical *pernilongo* foi maior mais expressiva no *Pará* (19%), seguido do Tocantins e do Amapá, ambos com 15%, do *Amazonas* (12%) e de *Rondônia* (10%). Essa variante não foi documentada no interior do Estado do Acre. A variante *muriçoca* se destaca nas localidades do interior do *Pará*, a segunda mais produtiva com 50% de registros, e no Tocantins, com 25%, foi a variante com maior índice de ocorrência.



**Gráfico 2:** Denominações para o “o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” nas localidades do interior dos Estados da Região Norte do Brasil. Fonte: Banco de Dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras.

Foi apurado também no *corpus* casos de ocorrência única. Como demonstra o Gráfico 2, a variante *catuqui* foi documentada apenas no Estado de *Rondônia* em *Guajará-Mirim* e *murui* também teve ocorrência única no Estado do *Tocantins*.

Item lexical	Nº de Ocorrências	Produtividade
Pernilongo	141	68%
Mosquito	61	30%
Muriçoca	2	1%
Muruim	2	1%
<b>TOTAL</b>	<b>215</b>	<b>100%</b>

**Tabela 2:** Produtividade das denominações para “o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” na Região Sul do Brasil.

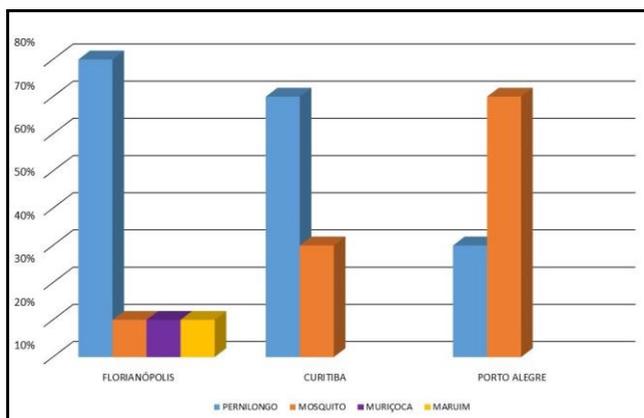
Fonte: Banco de Dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras

Na sequência, a Tabela 2 apresenta as denominações obtidas como resposta para a pergunta 88 do QSL/ALiB na Região Sul. Foram apu-

radas sete variantes num total de 211 ocorrências e quatro casos de não respostas na fala dos entrevistados das três capitais e nas 34 localidades do interior da Região Sul: *pernilongo*, *mosquito*, *muriçoca*, *mutuca*, *maruim*, *mosca*, *borrachudo*. Dessas não foram consideradas respostas válidas as variantes lexicais *mutuca*, *mosca* e *borrachudo* por nomearem outros tipos de insetos.

Nota-se que no falar sulista (NASCENTES, 1953) a variante lexical *pernilongo* é a mais produtiva ocorrendo 141 vezes na fala dos informantes, seguida do item lexical *mosquito* que ocorre 61 vezes. As variantes léxicas *muriçoca* e *maruim* apareceram em menor proporção no conjunto dos dados dessa região.

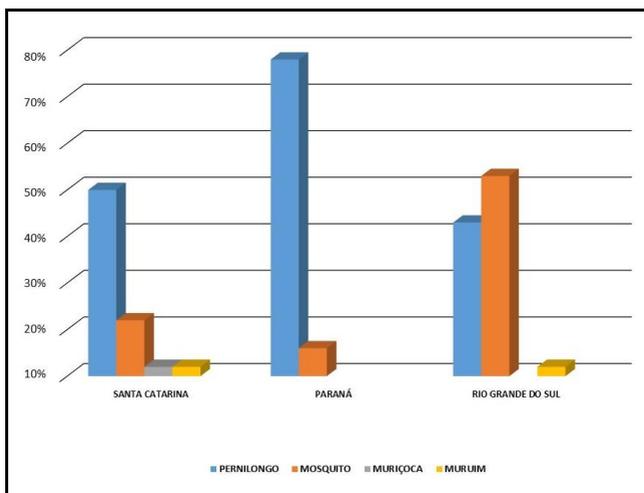
O Gráfico 3 informa a distribuição diatópica dessas variantes nas capitais dos três Estados da Região Sul do Brasil que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB.



**Gráfico 3: Denominações para o “o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” nas capitais dos Estados da Região Sul do Brasil.**

Os dados apresentados pelo Gráfico 3 evidenciaram maior produtividade de *pernilongo* nas capitais do Paraná, *Curitiba* (68%), e Santa Catarina, *Florianópolis* (78%). Já no Rio Grande do Sul, *Porto Alegre*, *pernilongo* alçou apenas 33% de registros, tendo se destacado nessa capital o item lexical *mosquito* com 67% de registros. Em *Curitiba* a variante *mosquito* obteve 32% de frequência entre os curitibanos. Já em *Florianópolis* *mosquito* computou frequência única, bem como as demais variantes *muriçoca* e *maruim* que só foram documentadas nessa capital.

Na sequência o Gráfico 4 apresenta a distribuição diatópica das variantes registradas nas trinta e quatro localidades do interior dos estados da região Sul do Brasil que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB:

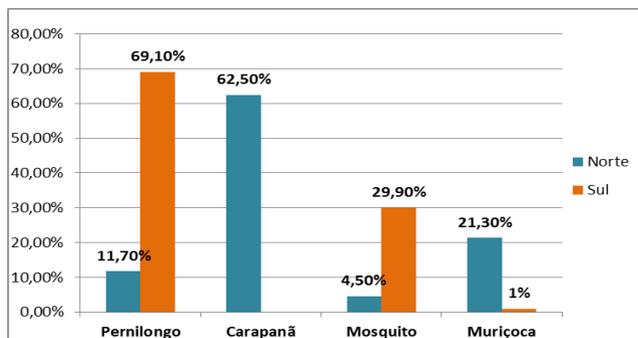


**Gráfico 4: Denominações para o “o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” nas localidades do interior dos Estados da Região Sul do Brasil**

Como se pode observar pelos dados do Gráfico 4, a variante *pernilongo* está presente em todas as localidades da rede de pontos do ALiB do interior da Região Sul, com destaque para as do *Paraná* (75%), seguido de *Santa Catarina* com 49% de registros e do *Rio Grande do Sul* com 40% de frequência. Já *mosquito* se destaca na fala dos gaúchos com 60% de ocorrência. Com frequência bem menor figurou em segundo lugar entre os catarinenses (20%) e entre os paranaenses (15%). No interior houve um caso de ocorrência única: *muriçoça* em Santa Catarina. Em *Santa Catarina* e no *Rio Grande do Sul* houve, ainda, a ocorrência de *muruim*, variante mencionada por dois informantes em cada estado.

O Gráfico 5 retrata os resultados de forma comparativa o que permite uma visão de conjunto da produtividade das *quatro variantes mais produtivas* como denominação do inseto contemplado pela pergunta 88 do QSL/ALiB no conjunto das capitais e das localidades do interior do Norte e do Sul do Brasil.

O Gráfico 5 confirma as variantes *pernilongo* e *carapanã* como mais produtivas, a primeira na região Sul e a segunda na região Norte do Brasil. Os itens lexicais *muriçoca*, *mosquito* e *pernilongo* foram apurados em ambas regiões. A região Norte abarca as quatro variantes, em maior ou menor proporção *carapanã* (62%), *muriçoca* (21%), *pernilongo* (11%), *mosquito* (4%), enquanto a região Sul contempla apenas três das quatro variantes mais produtivas do *corpus* aqui estudado: *pernilongo* (69%), *mosquito* (29%) e *muriçoca* (1%).



**Gráfico 5: Denominações para o “o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” no conjunto das capitais e das localidades do interior da Região Norte e Sul do Brasil**

Na continuidade deste estudo o Quadro 1 contém a dicionarização dos itens léxicos registrados nas regiões Norte e Sul do Brasil como designação do conceito em questão, com base na consulta a dois dicionários, um de língua portuguesa – Houaiss (2004) – e um de língua tupi – Luís Caldas Tibiriçá (1984).

Nota-se pelos dados do Quadro 1 que a maioria das designações nomeia insetos da fauna comuns das regiões de origem dos habitantes, o que pode ser confirmado pelas acepções registradas por Antônio Houaiss (2004) pois as definições iniciam como definição “designação comum a diversas espécies de insetos dípteros”, o que sugere que essa espécie é muito comum. Considerados uma das maiores do mundo, os insetos dípteros são caracterizados por possuírem somente um par de asas, alguns hematófagos, como é o caso do inseto em causa.

Dicionário Item Lexical	Tibiriçá (1984)	Houaiss (2004)
<b>Carapanã</b>	“esp. de mosquito do norte do Brasil.”	“s.m mosquito. (Regionalismo: Amazônia)”
<b>Muriçoca</b>	“Mosquito minúsculo”	“s.m mosquito.”

	dos pântanos, também chamado carapanã.”	
<b>Mosquito</b>	-	“design. comum aos insetos dípteros, de pequeno tamanho, esp. os hematófagos da fam. dos culicídeos, ger. vetores de conhecidas doenças do homem; bicuda, carapaná, carapanã, fincão, fincado, meruçoca, moruçoca, mosquito-pernilongo, muriçoca, muruçoca, perereca, pernilongo, sovela.”
<b>Pernilongo</b>	-	“s.m mosquito.”
<b>Catuqui</b>	-	“s.m maruim. (Regionalismo: Amazônia)”
<b>Muruim/maruim</b>	“v. marigui – var. de mosquito dos pântanos.”	“design. comum a diversos mosquitos da fam. dos ceratopogonídeos, de até 2 mm de comprimento, cuja ocorrência no Brasil está associada aos manguezais; as fêmeas são hematófagas e transmissoras da filariose ao homem e aos animais domésticos por meio de picadas dolorosas”.

**Quadro 1: Dicionarização das denominações para “o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” nos estados do Norte e do Sul do Brasil.**

Os itens lexicais *carapanã*, *muriçoca*, *pernilongo* e *mosquito* referem-se, segundo as obras consultadas, ao mesmo inseto. Os três primeiros aparecem nas obras como variantes do designativo *mosquito*, confirmando, dessa maneira, a resposta do informante três de Guajará Mirim (RO), que cita a diversidade de *carapanãs* e esclarece que, embora não utilizem o designativo *mosquito* na região, têm noção de que ambas as designações nomeiam o mesmo inseto. De igual forma acontece com a informante dois de Porto Alegre/RS, para quem não existem diferenças entre *mosquito* e *pernilongo*, embora ela utilize o item léxico *mosquito* para nomear o tipo de inseto contemplado pela pergunta 88 do QSL/ALiB: ”INQ- Qual tu fala mais? INF – É a mesma coisa!”

Acredita-se ainda que os informantes usaram os termos *catuqui* e *maruim* para nomear o inseto em causa pela proximidade entre as famílias dos insetos, todos são da mesma espécie, hematófagos e fazem certo barulho, daí a confusão estabelecida pelos falantes urbanos que têm menor contato com esses tipos de insetos.

### 3. Considerações finais

O estudo realizado demonstrou a importância do léxico, para o conhecimento da variedade linguística de um dado grupo de falantes, no caso desta pesquisa, localidades das regiões Norte e Sul do Brasil que, embora tenham evidenciado alguns dados semelhantes, apontaram para particularidades regionais, muitas das vezes resultantes dos traços constituintes da sociedade, como a história e a cultura, traços esses que influenciam diretamente na maneira como os indivíduos enxergam e nomeiam os seres a sua volta.

Em especial a região Norte do Brasil que sofreu forte influência do contato entre a língua trazida pelos colonizadores e as línguas dos povos nativos, em especial o tupi, desde o período colonial entre os séculos XVI a XVII em que

[...] foram intensos o convívio e a miscigenação luso-tupi, o que explica a rápida difusão da língua geral nas áreas urbanas e rurais. É sabido que dentre as línguas faladas no Brasil nos primeiros anos da colonização, destaca-se o Tupi, a língua que se transformou em língua veicular e que favorecia a aproximação, em termos de comunicação, entre os indígenas e os colonizadores. (ISQUERDO, 2006, p. 12)

A herança indígena permanece viva na língua oral dos habitantes, como ilustra o uso da variante *carapanã*, para nomear o “inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite” que é típica da região Norte, pois o seu uso ficou circunscrito a uma área geográfica específica, gerando, conseqüentemente, o fenômeno do regionalismo.

Outras variantes de base indígena foram documentadas para designar o mesmo inseto, em ambas as regiões, como *muriçoca* e *maruim/muruim*, estes últimos nomeiam outros tipos de insetos como já assinalado neste artigo, mas também designam o “pernilongo” nas áreas investigadas. As demais variantes catalogadas – *mosquito* e *pernilongo* – são de base portuguesa.

A análise dos dados demonstrou que a variante *pernilongo* se fixa no falar sulista como variante padrão, o que é confirmado pelo seu alto índice de ocorrência (66%) em relação às demais, fenômeno semelhante acontece com o item léxico *carapanã*, que representa o falar do grupo de falantes da região Norte (60%).

O estudo demonstrou, enfim, a forte influência de fatores como a história social, as bases étnicas, os ciclos de povoamento na definição da norma lexical regional.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Argentina de Letras. *Diccionario del habla de los argentinos*. 1. ed. Buenos Aires: Espasa, 2003

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*: gramática, vocabulário. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. Teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001b, p. 13-22.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português*: Brasil-Portugal. Campo Grande: UFMS, 2008, p. 15-31.

COMITÊ Nacional do Projeto ALIB. *Atlas linguístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982, p. 69-71.

*DICCIONARIO del Habla de los Argentinos*. 1. ed. – Buenos Aires: Espasa, 2003.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Brasileirismos, regionalismos e americanismos; desafios e implicações para a lexicografia brasileira. In: BERLINCK, Rosane de Andrade; GUEDES, Marymárcia; MURAKAWA, Clotilde de Azevedo Almeida (Orgs.). *Teoria e análise linguísticas*: novas trilhas. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, p. 11-29.

MARTINELLO, Pedro. *A batalha da borracha na II Guerra Mundial e suas conseqüências para o Vale Amazônico*. 1985. Tese (de Doutorado). – FFLCH/USP, São Paulo.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001, p. 11- 15.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

TIBIRIÇÁ, Luís Caldas. *Dicionário tupi-português*. São Paulo: Traço, 1984.